

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES(ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO

OLÍVIO CANDIDO DA SILVA FILHO

PAPO INCLUSIVO: UM PODCAST SEM CAPACITISMO

Maceió
2023

OLÍVIO CANDIDO DA SILVA FILHO

PAPO INCLUSIVO: UM PODCAST SEM CAPACITISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires

Maceió

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586p Silva Filho, Olívio Candido da.
 Papo inclusivo : um podcast sem capacitismo / Olívio Candido da Silva Filho.
 – 2023.
 45 f. : il.

 Orientadora: Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires.
 Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
 Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
 Maceió, 2023.

 Bibliografia: f. 34-45.

 1. Discriminação social. 2. Entrevistas. 3. Podcast. I. Título.

CDU: 070: 316.647.82

Folha de Aprovação

OLÍVIO CANDIDO DA SILVA FILHO

Papo Inclusivo: Um Podcast sem Capacitismo

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 03 de Julho de 2023.

(Orientadora) - Prof. Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires, UFAL)

Banca examinadora:

(Examinador Externo - Jornalista, José Alberto Oliveira Santos, UFAL)

(Examinador Interno - Prof. Dr. Júlio Arantes Azevedo, UFAL)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta um podcast de entrevistas com pessoas com deficiência (PCD) que sejam destaques no esporte ou na arte. O principal objetivo é mostrar um lado mais humano dessas pessoas sem recorrer à linguagem capacitista. Sobre o capacitismo, Carla Vendramin (2019) o define como “a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes.” Segundo o Censo de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil hoje possui uma população de 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. O maior percentual de pessoas com deficiência era do Nordeste, com 9,9% dos casos. Sabendo que o capacitismo é um preconceito vigente na sociedade e a população de pessoas com deficiência ser expressiva, ainda mais na região nordeste é de interesse do podcast referido neste TCC, auxiliar na visibilidade de pessoas com deficiência com a difusão de informações sobre o capacitismo para conscientizar sobre o problema, além de apresentar grandes personalidades que são PCD.

Palavras-chave: Capacitismo; Entrevista; Podcast.

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

This term paper presents a podcast of interviews with people with disabilities who will be featured in sports or art. The main objective is to show a more human side of these people without resorting to Ableist Language. Carla Vendramin (2019) defines ableism as “the reading about people with disabilities assuming that their body condition is something that, naturally, how they define as less capable.” According to the 2019 Census by the Brazilian Institute of Geography and Statistics, Brazil today has a population of 17.3 million people with some disability. The highest percentage of people with disabilities was from the Northeast, with 9.9% of cases. Knowing that ableism is a prevailing prejudice in society and in the population of people with disabilities to be expressive, even more so in the northeast region, it is of interest to the podcast referred to in this term paper to help in the visibility of people with disabilities by transmitting information about ableism to raise awareness about the problem, in addition to presenting great personalities.

Keywords: Capacitism; Interview; Podcast.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O PODCAST	15
3 MARGINALIZAÇÃO HISTÓRICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	18
4 CAPACITISMO NO MUNDO E NA MÍDIA	20
5 A ATIVIDADE FÍSICA E A DEFICIÊNCIA	22
6 MÉTODOS	24
6.1 Processo de produção jornalística do trabalho	24
6.1.1 Elaboração da pauta - Fase 1	24
6.1.1.1 Yohansson do Nascimento Ferreira: Velocista	26
6.1.1.2 Gabriela Amorim: Bailarina	27
6.1.1.3 Sandro Machado: Triatleta	27
6.1.2 Pré-Produção: Fase 2	27
6.1.2.1 As Pré-Entrevistas	30
6.1.3 Produção: Fase 3	32
6.1.4 Pós-Produção: Fase 4	33
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – YOHANSSON	40
APÊNDICE B – GABRIELA	49
APÊNDICE C – SANDRO	51

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca conscientizar as pessoas sobre o capacitismo no cotidiano. O Capacitismo é a presunção de que pessoas com deficiência são incapazes. Carla Vendramin (2019) o define como “a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes.” A proposta do *podcast* e deste estudo é mostrar como o capacitismo e o preconceito contra pessoas com deficiência é algo estrutural que atravessa os séculos.

É importante ressaltar que atualmente, o Brasil possui uma população com mais de 17,3 milhões de pessoas com deficiência e 9,9% dessas pessoas vivem no Nordeste. Sabendo disso, é importante buscar meios e canais de grande massa para explorar narrativas que não reforcem esse estigma criado pelo capacitismo. Por esse motivo, será utilizado o *podcast*. De acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2020), o Brasil ganhou 7 milhões de ouvintes acima de 16 anos de 2019 para 2020. O *podcast* é uma mídia em ascensão e será utilizado neste trabalho para propagar informação sobre o capacitismo e trazer pessoas com deficiência para dar voz sobre seus feitos sem utilizar de recursos que reforcem o capacitismo.

A escolha de atletas e artistas que utilizam de esforço físico para exercer seu hobby ou profissão é para criar o contraponto da mídia que em exemplos correlatos utilizam da via do capacitismo para criar a narrativa do guerreiro; pessoa que teve que superar uma dificuldade para ter êxito, atitude que apenas reforçando o estigma de incapaz. Se tratando de um tema sensível, foi preciso buscar artifícios como guias e estudos para se precaver diante das falas capacitistas que poderiam ser cometidas durante a entrevista. Foi utilizado o artigo “Terminologia sobre deficiência na era da Inclusão” de Romeu Kazumi Sasaki para consulta de terminologias.

O ***podcast* Papo Inclusivo** segue os passos da investigação jornalística descrita por Luiz Costa Pereira Junior no livro “A Apuração da Notícia” e utiliza os livros “*Podcast: Guia Básico*” de Léo Lopes e “*Podcast Descomplicado*” de Renato Bontempo para nortear questões técnicas na pós-produção do *podcast*.

Neste contexto, o estudo tem como objetivo geral desenvolver um *podcast* com finalidade da criação de produto jornalístico. A produção busca trazer uma linguagem anti-capacitista em sua relação com o entrevistado e em todo seu processo de criação. Para isso, é indispensável compreender como a pessoa com deficiência e o capacitismo estão presentes na

sociedade e na mídia. Já como objetivos específicos, definir o conceito e descrever o que é um *podcast*, traçar uma breve história da deficiência no mundo, assim como definir o que é capacitismo e como atua nas mídias jornalísticas e por fim, descrever como a atividade física se relaciona com pessoas com deficiência.

Dessa forma, é possível afirmar que o Papo Inclusivo é um *podcast* jornalístico de entrevistas que recebe pessoas com deficiência que trabalham diretamente na arte ou no esporte. O *podcast* busca trazer uma relação mais consciente na relação com pessoas com deficiência. Desse modo, como fundamentação teórica e prática é pertinente abordar conceitos sobre o que é *podcast* e como esta mídia cresce em números no Brasil. O presente trabalho também pretende abordar de forma breve o contexto histórico-social das pessoas com deficiência no país e trazer uma definição objetiva do que é capacitismo e como esse discurso atinge os canais de comunicação na representação de pessoas com deficiências.

2 O PODCAST

Nas últimas décadas o consumo de informação passou para um novo patamar. Um dos motivos é o avanço tecnológico dos processamentos de dados. Os microprocessadores permitiram que computadores ficassem cada vez menores e potentes, os tornando portáteis e fáceis de serem utilizados no cotidiano. Atualmente, não consumir informação não é mais uma desculpa, a notícia está na palma da mão (LEITE, 2021).

No Brasil o consumo segue uma crescente. De acordo com levantamento da NordVPN, companhia de cibersegurança, o brasileiro passa em média em torno de 91 horas por semana conectado na internet, seja em um dispositivo *mobile* ou *notebook* e computadores. É nessa fácil acessibilidade a informação em multimídias que produtos e nichos se formam e foi assim que o *podcast* atraiu e continua atraindo ouvintes em todo o mundo. Mas o que é *podcast*?

Javorski (2017, p.239) elucida “o termo *podcast* resulta da junção entre as palavras Ipod, reproduzidor MP3 desenvolvido pela *Apple*, e *broadcast*, que significa transmissão”. É importante lembrar que o *podcast* não é novo. O conteúdo em áudio sob demanda teve seu início na década de 2000. Porém, atualmente o *podcast* está vivendo uma alta de popularidade. Há uma crescente no número de produtores e ouvintes e grande parte desse aumento se dá pela praticidade em criar e consumir esse tipo de mídia.

O *podcast* é um produto digital que pode ser publicado na internet e distribuído por diversas plataformas. O produto pode ser baixado para ouvir há qualquer momento, sem necessidade de horário fixo para o consumo. O *podcast* também vira destaque pela acessibilidade em produzir conteúdo com pouco orçamento: um computador, um microfone e uma boa internet são suficientes para começar um *podcast*. Além disso, a distribuição do *podcast* também é um diferencial. Os arquivos são distribuídos para o público por intermédio da tecnologia do *Really Simple Syndication*, mais conhecido como RSS.

O RSS ou feed tem a função de buscar arquivos na lista de endereços do assinante para baixá-los. Com a assinatura, o conteúdo é personalizado. Nos programas em *podcast*, cada vez que um episódio novo é colocado no ar o computador recebe o download. Pode estar disponível em sites de emissoras de rádio ou em canais específicos desse formato. (JAVORSKI, 2017, p. 239)

A tecnologia foi criada com o intuito de enviar esses conteúdos em áudios para os ouvintes que estiverem cadastrados em uma lista de assinantes. É correto afirmar que os arquivos de áudio já podiam ser baixados posteriormente ao surgimento do *podcast*. No entanto, o RSS trouxe praticidade na distribuição e no agrupamento de episódios. Na lista, é possível ver dados e informações referentes ao programa como descrição do episódio, participantes, arte e afins (DOS SANTOS e DE BARROS, 2023).

Para receber o conteúdo pelo RSS, o usuário precisa fazer uma assinatura para ficar apto a ter acesso periodicamente as produções referentes ao *podcast* de interesse. Atualmente, os sites que hospedam os episódios como o *Anchor* automatizam o processo de distribuição e enviam os episódios tanto para ouvintes como para agregadores como *Spotify*, *Amazon Music* e *Google Podcast* (TIGRE, 2021).

Além da praticidade de distribuição, produção e consumo, o *podcast* também se caracteriza como um produto sob demanda. O que isso quer dizer? O conteúdo presente não necessariamente precisa seguir um padrão de produção engessado. O produtor tem essa liberdade de criar nichos para atrair certos consumidores e o ouvinte tem total liberdade de ouvir quando bem entender.

No jornalismo, o *podcast* vem sendo utilizado para aprofundar pautas, criar documentários e outros debates que permeiam o contexto político social que uma grande mídia não teria espaço ou tempo para expor um conteúdo tão vasto. Um exemplo claro pôde ser observado no sucesso do *podcast* jornalístico: “A mulher da casa abandonada” do jornalista Chico Felitti. De acordo com o *Universo Online* (UOL), em menos de um mês, o *podcast*

recebeu mais de 6 milhões de *downloads*, chegando a liderar o *ranking* de *podcast* mais ouvido do mundo em junho de 2022.

Porém, qual foi o ponto de ebulição para o aumento desse consumo nos tempos atuais? A pandemia pode ser um dos fatores chave que fez essa mídia ganhar projeção na produção de conteúdo em áudio e em vídeo. De acordo com Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) para Centro de Mídia Independente (CMI) da Globo, 57% das pessoas declararam ter começado a ouvir *podcast* na pandemia; 43% declararam que já ouviam, mas passaram a ouvir mais do que antes do isolamento.

A relevância dos *podcasts* pôde ser notada na última eleição presidencial do Brasil. Os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro participaram de entrevistas nos dois *videocasts* mais populares do Brasil e atingiram mais de 1 milhão de telespectadores simultâneos pelo *Youtube* e *Twitch*. A escolha de personalidades importantes para expor suas ideias em *podcasts* não é uma surpresa. De acordo com o Relatório *Voxnet Mid Year Report* (2020). O Brasil liderou o *ranking* de países com maior crescimento na produção de *podcasts* em 2020. Para se ter uma ideia, o Brasil ganhou 7 milhões ouvintes acima de 16 anos de 2019 para 2020, segundo pesquisa do IBOPE (2020).

Ainda de acordo com o IBOPE (2020), uma das facilidades que atraem no consumo de *podcasts* é o *on demand* ou sob demanda. A facilidade de ouvir através de *download*, ou ao vivo, um conteúdo que não exige que o espectador pare os seus afazeres diários para consumir o conteúdo. Na pesquisa foi constatado que 44% das pessoas consomem *podcast* junto com tarefas domésticas, 38% enquanto navegam na internet, 25% utilizam antes de dormir, 24% enquanto trabalham ou estudam, 24% no trânsito, 20% em atividades físicas e 18% quando pratica cuidados pessoais.

O IBOPE (2020) afirma que o consumidor brasileiro médio de *podcast* analisou que a maior parcela dos ouvintes de *podcast* no Brasil tem entre 25 e 34 anos, porém outras faixas de idade não ficam para trás. A pesquisa também revela que 51% dos consumidores são homens e 49% são mulheres. A região que mais consome *podcast* no Brasil é o Sudeste com 46% de ouvintes. O Nordeste é onde se concentra a segunda maior parte dos ouvintes, com 26% dos consumidores. No que se trata da classe social desses ouvintes se observou que as classes A e B são 35% do público, a classe C possui o maior público com 51% e as classes D e E ficam atrás com 15% do consumo.

3 MARGINALIZAÇÃO HISTÓRICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

A deficiência é um assunto que quase sempre está em pauta socialmente na luta por direitos básicos. Direitos que mesmo com anos de lutas ainda são mínimos e em parte não atendem problemas reais. É comum que o atendimento e até mesmo a locomoção sejam precários, o que reflete um esquecimento do estado em determinadas situações (PAIVA, 2022).

O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que atualmente no Brasil há 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Número expressivo que não reflete em representatividade e conscientização em vários âmbitos sociais. O descaso não é exclusivo dos tempos atuais, o processo de negação de pessoas com deficiência está enraizado há séculos na sociedade.

No decorrer da história, pessoas com deficiência foram segregadas e marginalizadas de diversas formas por diferentes grupos e ordens sociais. Uma das formas mais corriqueiras eram associadas ao culto religioso. Como os seres humanos eram representações da imagem e semelhança de Deus na terra, a deficiência era vista como algo inescrupuloso para ser posto em comparação ao divino.

Para a própria religião, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, portanto, ser perfeito, acrescia a ideia da condição humana, incluindo-se aí a perfeição física e mental. E, não sendo “parecidos com Deus”, os portadores de deficiências (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana, e tidas como culpadas de sua própria deficiência. (FERNANDES, SCHLESNER, MOSQUERA, 2011, p.135 apud Mazzotta, 2005, p.9)

Como referido por Mazzotta (2005), não sendo o deficiente uma figura representativa de Deus, eram subjugados como inferiores perante uma cultura normativa. No entanto, houve uma reviravolta no tratamento para com pessoas com deficiência quando a cultura cristã se tornou popular no Império Romano. A mudança tirou pessoas com deficiência de um estado de repulsa para aceitação social. A mudança promovida pelo cristianismo que, de acordo com Gugel (Corrent apud Gurgel, 2007, p.8) “tem-se como doutrina a caridade e o amor para com os indivíduos”. Dessa maneira, a Igreja combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência”.

A próxima etapa desse percurso foi a criação dos hospitais que deram espaço para indigentes e deficientes. Porém, passado o tempo, se notou que esses espaços mais segregam que inserir esses indivíduos na sociedade. Os locais eram apenas redutos onde pessoas eram retiradas do convívio social para o isolamento.

Elas constituíram o primeiro paradigma formal adotado na caracterização da relação sociedade e deficiência: o Paradigma da Institucionalização. Esse paradigma foi caracterizado, portanto, pela criação de instituições para abrigar os deficientes. A forma de ajuda foi muito questionada, ao contrário de décadas atrás, quando era apenas encorajada por representar o afastamento total do indivíduo da sociedade. (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA, 2011, p. 135 apud Aranha, 2001)

O problema dos redutos que abrigavam pessoas com deficiência e indigentes mudou na Idade Moderna. A mudança desse paradigma foi possível com o avanço dos tratamentos e na tentativa de reabilitação dos feridos e mutilados que vinham das guerras. A revolução industrial e a necessidade de ter mão de obra qualificada também foi um forte pressuposto para a reabilitação dessas pessoas, tanto para os que estavam fora do mercado como para os trabalhadores que acabavam por sofrer acidentes em fábricas.

[..]tornou-se necessário a criação do Direito de Trabalho e de um sistema de seguridade social mais eficiente. No século XIX finalmente percebe-se uma grande mudança para os indivíduos com deficiência. Surge uma atenção especializada e não só institucional como os hospitais e abrigos. Começam os estudos para os problemas de cada deficiência. (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA, 2011, p. 136)

Desse momento em diante houve avanço no tratamento de deficientes e na educação com criação de institutos de educação para deficientes visuais e auditivos. O sistema começou durante o século XIX e foi se modernizando durante o século XX com avanços principalmente com itens essenciais como cadeiras de rodas, bengalas e afins.

[...]no século XX, os indivíduos com deficiências começaram a ser considerados cidadãos com seus direitos e deveres de participação na sociedade; no entanto, ainda numa abordagem assistencial. Com o surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, iniciam-se os primeiros movimentos organizados por familiares desses indivíduos. Esses movimentos eram norteados pelas críticas à discriminação. (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA, 2011, p. 139)

No decorrer do tempo o estado foi buscando trazer essa integração como meio de dissociar pessoas com deficiência do estado trazendo um viés produtivo e normalizador e buscando o afastamento dessas pessoas das instituições e programas para moldes normativos; O sistema integracionista espera que o deficiente se adapte à sociedade sem dar suporte necessário para o indivíduo prosperar naquele ambiente.

Fernandes, Schlesener, Mosquera (2011, p. 141) afirmam que "garantir essa caracterização buscaram-se a disponibilização de suportes de diferentes tipos tais como: o suporte social, econômico, físico e instrumental cuja função reside em favorecer a inclusão

social”. Portanto, não basta apenas incluir o indivíduo em sociedade, também é preciso políticas integradoras efetivas, seja no espaço público ou privado.

4 CAPACITISMO NO MUNDO E NA MÍDIA

Como vimos no tópico anterior a marginalização contra pessoas com deficiência é histórica e remonta os séculos passados e ainda hoje é possível observar esse preconceito sendo praticado no cotidiano. Uma das formas mais comuns de preconceito contra pessoas com deficiência é o capacitismo, tema que este trabalho se propõe esmiuçar na elaboração do *podcast* como produto livre de preconceitos (MARCHESAN e CARPENEDO, 2021).

Porém, o que é capacitismo? Como um preconceito pode passar despercebido por tanta gente e afetar tantas pessoas com deficiência? Primeiro precisamos definir o que é capacitismo.

“[...] uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corpo normatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. Essa postura advém de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e se mobiliza para avaliar o que as pessoas com deficiência são capazes de ser e fazer para serem consideradas plenamente humanas” (MELLO, 2016, p. 3272).

A prática de ações capacitistas como descrita por Mello (2016) reforça essa necessidade de políticas inclusivas e não apenas na simples integração dessas pessoas em um ambiente corponormativo sem o mínimo de aparato necessário para atender suas necessidades. Trazer condições de igualdade é essencial para não reproduzir pensamento e ações capacitistas.

É importante lembrar que o capacitismo não está apenas no campo da comunicação de verbalizar um preconceito, mas também que o capacitismo interfere em todos os aspectos da vida de uma pessoa com deficiência. Por esse motivo é errado chamar pessoas com deficiência de “guerreiro”, “lutador”. Esses adjetivos não engrandecem em nada o indivíduo, apenas reforça que ele ou ela não teve o aparato necessário para cumprir suas funções básicas e teve que fazer um esforço para poder realizar o simples (PEREIRA, 2021).

A relação da mídia com pessoas com deficiência também não é diferente, ainda mais no que se diz respeito a programas com viés sensacionalista. Não é incomum ver

manchetes e até chamadas que reforcem a ideia de que a pessoa com deficiência superou a “doença”, ou que apesar do “mal” ela conseguiu se superar. Essa visão apenas reforça a visão capacitista de que a pessoa com deficiência é inferior e não possui capacidade (IGNACIO, 2022).

Um exemplo que foi bastante questionado nos últimos tempos foi a matéria da Record lançada em 2016 com a manchete intitulada: “Mãe cega cuida de dois filhos e dá exemplo de superação: ‘Até o lado mau tem seu lado bom’”. O jornal utilizou de uma expressão errada para definir deficiente visual, além de reforçar incapacidade e expor isso como superação e por fim falar que a deficiência visual é um mau.

Em novembro de 2022, William Bonner, âncora do Jornal Nacional pediu desculpas publicamente por uma fala capacitista expressa durante a cobertura da vitória de Lula no 2º turno. Na ocasião, William disse “não é que minha esquizofrenia tenha chegado a esse ponto. Me disseram uma coisa no ponto [eletrônico], que tínhamos uma informação nova”. O jornalista foi repreendido pouco tempo depois e pediu desculpas, assumindo a ignorância no assunto.

Esses são alguns dos exemplos. Como falado anteriormente, na mídia é comum ver e ouvir conteúdos que reforçam o capacitismo seja por não ter uma orientação clara nas redações sobre o assunto trazendo termos inadequados como “sofrer” de uma determinada deficiência, histórias de superação, coitadismo e relação equivocada de deficiência com doença.

Em pesquisa realizada por Renata Elias Juliotti e Cilene Victor, houve um levantamento em 11 sindicatos e a Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) sobre assuntos relacionados a inclusão de pessoas com deficiência por meio de uma Análise do Discurso se observou que alguns sindicatos nem tocavam no assunto e quando mencionados eram assuntos de pouca relevância para colaboração da classe sobre inclusão, em alguns contextos a palavra deficiência estavam associadas a déficit.

“A ausência de materiais específicos sobre e para jornalistas com deficiência expõe a necessidade de abordar o jornalismo inclusivo não como editora, mas como um mecanismo de educação para o próprio segmento. Enquanto os profissionais de imprensa não forem pautados e sensibilizados pelos seus órgãos reguladores e nas iniciativas de inclusão profissional, a diversidade e o espaço democrático que o jornalismo tanto defende não poderão, de fato, reger a profissão.” (JULIOTTI, VICTOR, p. 13)

Constatações como essa mostram como nossa mídia ainda está atrasada em relação ao problema. A regulação que deveria partir de órgãos sindicais é reforçada. O jornalismo não

sofre apenas pela falta de cobrança desses assuntos, mas também pela falta de representatividade nas redações. A importância de ser representado corretamente e ter pessoas com vivência construindo essa representatividade em vários ambientes é imprescindível para o avanço de melhorias.

5 A ATIVIDADE FÍSICA E A DEFICIÊNCIA

No Brasil, o esporte e a arte sempre aparecem como protagonistas na vida de pessoas que estão na busca por uma oportunidade de ascender na vida socialmente ou financeiramente. Não apenas como uma fuga, mas a atividade física também promove qualidade de vida e autoestima para quem a insere no seu dia a dia. Na vida de uma pessoa com deficiência a atividade física tem significados profundos.

Sendo o esporte uma atividade que desde os seus tempos áureos na Grécia primavam por corpos perfeitos e ainda existia uma forte perseguição e segregação de pessoas com deficiência. A evolução do esporte para esporte adaptado chegou tardiamente em meados do fim do século 19 para o século 20. O pós-guerra foi um dos pressupostos para alavancar o esporte na tratativa de combatentes que retornavam com mutilações e deficiências auditivas, motoras e visuais (DA COSTA e SOUSA, 2004) .

O pós-guerra deixou muitos soldados mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos, isso fez com que seus governos tomassem uma série de providências sobre a qualidade de vida desses indivíduos, com isso muitos começaram a ter acesso as práticas esportivas e atividades físicas adaptadas como forma de tentar minimizar as adversidades causadas pela guerra (CARDOSO, 2011, p. 531)

A atividade física no pós-guerra foi interpretada de duas formas. Nos Estados Unidos os pacientes tinham preferência pelo basquete em cadeira de rodas e o país enxergava o esporte por um viés competitivo. Diferente dos EUA, a Inglaterra via a atividade física como uma forma de reabilitação de seus combatentes, conseguindo um êxito maior em seu processo de recuperação. O avanço da Inglaterra foi notório e nos anos posteriores houve a integração de pessoas com deficiência no mercado, além de vários eventos esportivos que culminaram na criação dos jogos paralímpicos (TEIXEIRA e RIBEIRO, 2006).

A prática de atividades desportivas para pessoas com deficiências, além de proporcionar todos os benefícios para seu bem-estar e qualidade de vida, também é a oportunidade de testar seus

limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias à sua deficiência e promover a integração social e a reabilitação da pessoa com deficiência. (CARDOSO, 2011, p. 533)

A atividade física além de uma prática que promove a reabilitação e a integração desse indivíduo socialmente também ajuda na autoestima sendo assim, uma ferramenta com benefícios tanto físicos como psicológicos. Nahas (CARDOSO, p. 534 apud NAHAS 2006, p.139) afirma que” as atividades físicas e desportivas regulares podem reduzir os sintomas de ansiedade e depressão, promover a socialização e aumentar os níveis e bem-estar geral das pessoas com deficiência”; Além disso, em estudo realizado sobre os impactos que a atividade física gera nas interações e na sociabilidade de pessoas com deficiência foi possível notar o reforça da individualidade no trabalho da auto-imagem, além de realçar a visão de pertencimento com interações em grupo.

Para os adolescentes com deficiência física do sexo masculino, a performance esportiva foi uma via para reafirmação da masculinidade por meio da força, da capacidade e da potência do corpo. Para a adolescente com deficiência física, a identidade feminina foi reafirmada pelos seus atributos corporais geradores de atração no sexo oposto. Os sentidos dos adolescentes atribuídos à experiência no esporte evocaram modelos culturalmente construídos de masculinidade e feminilidade, demarcando as fronteiras que polarizam o que é ser homem e mulher. (SANTOS, MOREIRA, GOMES, 2020, p.9)

6 MÉTODOS

6.1 Processo de produção jornalística do trabalho

O *podcast Papo Inclusivo* segue os passos da investigação jornalística descrita por Luiz Costa Pereira Júnior no livro “A Apuração da Notícia”, edição digital de 2011. O método consiste em 4 fases de preparação: elaboração da pauta, pré-produção, produção e pós-produção. Cada fase possui subtópicos que serão descritos nos tópicos principais.

A fase 4 é suprimida do capítulo por não fazer parte do objetivo do livro explicar como fazer a pós-produção. Para suprir essa falta serão utilizados os livros “*Podcast: Guia Básico*” de Léo Lopes e “*Podcast Descomplicado*” de Renato Bontempo para nortear questões técnicas na pós-produção do *podcast*. Para complementar a produção do *podcast* será utilizado

o artigo “Terminologia sobre deficiência na era da Inclusão” de Romeu Kazumi Sassaki para consulta de terminologias.

6.1.1 Elaboração da pauta - Fase 1

A fase inicial descrita por Luiz Costa Pereira Júnior é a elaboração da pauta. A elaboração da pauta passa por 3 processos: pista inicial, sondagem inicial e preparação da pauta. Como citado anteriormente, um dos primeiros estágios dessa fase antes de adentrar propriamente na elaboração é a pista inicial, o que motivou a atenção àquele tema.

A ideia da criação do *podcast* surgiu durante o estágio no Globo Esporte Alagoas no período da pandemia. Percebi que os programas esportivos e portais de notícias pouco falavam do esporte paralímpico e quando falavam sobre o tema geralmente seguiam a linha narrativa da superação, sem seguir o padrão que comumente era utilizado nas reportagens com atletas não paralímpicos. Definida a pista inicial, partimos para o que Pereira fala ser a sondagem inicial.

“É a apuração preliminar, a exploração das fontes, documentos e publicações, numa pesquisa prévia à formulação da pauta. É uma base de informações para sustentar uma investigação, como saber qual a credibilidade das fontes que nos lançam a pista inicial. Ajuda a estabelecer a viabilidade da pauta – se não estaria propondo o impossível de ser apurado – e se ela se justifica” (PEREIRA, 2011, p.78)

Não precisou de muito tempo para descobrir o termo correto que nomeava minha dúvida: capacitismo. Decorrente da pouca exposição e narrativa focada no “coitadismo” que pude presenciar no cotidiano da produção de tv, além de observar outros jornais. Também pude observar que o problema era factível, mas pouco falado na mídia e nos manuais de jornalismo. Durante a pesquisa, também pude aprender que a fala capacitista não é exclusiva da comunicação, vários outros setores de nossa sociedade cometem esse tipo de preconceito como o próprio mercado de trabalho, planejamento urbano e demais infraestruturas de grandes cidades, serviços essenciais e afins. Grande parte dos serviços é íntegra, mas não inclui a pessoa com deficiência.

Todo esse preconceito possui uma raiz histórica de segregação e marginalização de pessoas com deficiência e reverbera na atualidade ganhando ares normativo que agride o direito do outro sem percebermos que estamos sendo capacitistas. Parte do material que aprendi sobre capacitismo está disponível na fundamentação teórica deste projeto.

A pista inicial que me motivou a estudar o tema se confirmou plausível nessa apuração preliminar, me dando embasamento para prosseguir no tema. O próximo passo foi levantar nomes de possíveis personagens para participar do *podcast*. Como estava trabalhando em um programa esportivo, pensei em personagens que estavam no meu cotidiano e que mantinha contato. Por esse motivo, sugeri esse tema para orientadora como um *podcast* de entrevistas para pessoas com deficiência que praticassem esporte de forma profissional ou amadora.

No entanto, achamos melhor mudar o recorte de esportistas para pessoas com deficiência que praticassem atividades física para ter um leque maior de possibilidades de entrevistados, porque o problema não se limitava apenas ao esporte como para qualquer espectro que somasse uma pessoa com deficiência com qualquer atividade que exigisse físico ou intelectual, junção que é comum cair no espectro do capacitismo, porque a premissa do capacitismo é pensar que a pessoa com deficiência é incapaz.

Definido esse recorte, fui em busca de personagens que se enquadrassem no que o *podcast* necessitava para produção. As minhas primeiras abordagens foram com atletas paralímpicos que tive contato durante a produção do Globo Esporte Alagoas. De imediato, 3 atletas se prontificaram em ser entrevistados, porém houve um contratempo e o treinador não os liberou para entrevistas. Declinado o convite, fui em busca de outros nomes. Os nomes escolhidos foram Yohansson Nascimento, Sandro Machado e Gabriela Amorim. Conversei

com a orientadora sobre cada nome e os motivos que me levaram a escolher cada um e prosseguimos para a próxima etapa: a elaboração da pauta.

Toda reportagem tenta dar resposta a uma curiosidade ou lançar uma hipótese sobre a realidade. Pauta não é tema. Não é camisa de força. Não busca confirmar o que já se sabe. É uma dúvida sobre algum aspecto da realidade a ser respondida pelos fatos. (PEREIRA, 2011, p.78-79)

Como apontado por Luiz Carlos Júnior, a pauta não é reafirmar o que já se sabe sobre o assunto. Por esse motivo, foi necessário buscar conhecimentos prévios sobre os entrevistados que se encaixavam no assunto proposto pelo *podcast* para posteriormente achar um viés totalmente novo que não houvesse informação ou que fosse pouco explorado daquele entrevistado em questão.

Em linhas gerais, os 3 confirmados formaram o que será os 3 episódios do *podcast*. Além disso, durante esse processo de estudo de personagens se mostrou necessário criar um episódio apenas para explicar o que é capacitismo e como ele está inserido em nossa sociedade. A elaboração do episódio vai utilizar dos mesmos artigos selecionados nessa produção para tomar como base um texto fácil de ser entendido pelos ouvintes sobre o tema e como ele se relaciona com o *podcast*.

6.1.1.1 Yohansson do Nascimento Ferreira: Velocista

Yohansson é um ex-atleta campeão Paralímpico pelo Brasil. A sua escolha foi por se tratar de um personagem que possui relevância histórica na prática esportiva em Alagoas e pelo que representa ao estado e ao Brasil, além de ser uma referência na luta pelos atletas paralímpicos nas tratativas institucionais na melhoria do esporte.

Nas pesquisas prévias feitas sobre o Yohansson havia muitas informações referentes ao seu desempenho em provas, mas pouco sobre a pessoa Yohansson e como ele estava vivendo essa nova fase nos bastidores do esporte. Sendo assim, o foco da entrevista seria de como o atleta vive sua nova fase como dirigente, uma mudança que o obrigou a se aposentar mesmo possuindo índice para participar da Olimpíada de Tóquio.

Na entrevista também busquei abordar como ele vê o esporte paralímpico alagoano atualmente e como tem trabalhado para o estado no que se refere a incentivos ao esporte em cumprimento da lei de incentivo que foi lançada com o seu nome.

6.1.1.2 Gabriela Amorim: Bailarina

Nas pesquisas prévias sobre Gabriela havia muitas informações que reforçam a sua condição e não sua arte. Então, foi de interesse a convidar para tentar uma nova abordagem que abordasse a arte e os gostos da Gabriela em relação ao seu ofício: o balé. Gabriela é a única bailarina com deficiência do estado de Alagoas. A entrevista buscou desvendar os gostos particulares dela sobre músicas, estilos de balé e assuntos relacionados ao mundo da arte para trazer um contraponto com as matérias que estão publicadas na internet para compreender a ideia de arte de Gabriela e como ela se relaciona com a arte no seu dia a dia. Além de fazer questionamentos sobre ela ser a única bailarina do estado, como ela se sente nessa condição de ser a única representante de uma arte.

6.1.1.3 Sandro Machado: Triatleta

O triatleta gere projetos sociais e viu no esporte uma saída para recuperação da autoestima após o acidente que sofreu na adolescência. A pesquisa prévia sobre o Sandro foi a mais complicada por não ter nada na internet sobre os seus trabalhos. Então, será preciso fazer uma pré-entrevista mais reforçada para elaboração da pauta para trazer novas perspectivas sobre o que ele irá trazer na entrevista.

6.1.2 Pré-Produção: Fase 2

Depois da pista inicial descrita por Pereira, entramos na pré-produção: momento que é feita a análise das fontes e sequência de abordagem. A análise de fontes de acordo com Pereira (2011, p. 81) se situa “durante todo o processo de avaliação estratégica das fontes não pode sair do horizonte a obviedade nem óbvia de que os fornecedores de informação são pessoas e instituições que defendem seus interesses acima de tudo.”

O autor ainda reitera o processo de avaliação elaborado por Nelson Traquina em “O estudo do Jornalismo no século XX” como certificação da validade da fonte de informação para produção da notícia. Com as 3 fontes levantadas na pista inicial, agora o momento foi de testar a viabilidade desses personagens com o método de Traquina.

O processo descrito por Traquina é baseado em três tópicos: hierarquia da autoridade, produtividade e credibilidade. No caso dos entrevistados, eles se encaixam nas três categorias exigidas. Na hierarquia da autoridade descrita pelo autor os personagens devem ter propriedade para falar sobre o assunto. Pereira (2011, p.81) afirma “quanto mais prestigioso for o título ou a posição da pessoa, maior a confiança em sua autoridade”. Como é uma entrevista de caráter pessoal e técnico, além de serem unanimidades em suas respectivas áreas, os personagens atendem ao pedido.

Os entrevistados também se encaixam do ponto de vista da produtividade. Sobre a produtividade Pereira (2011, p.82) define como “a quantidade e a qualidade de informação que uma fonte pode dar”. São personagens que assim como pareceres institucionais bastam em si para ter uma declaração sem precisar de outras fontes, trazendo qualidade na informação e poupando custos por não necessitar de intermediários para confirmar sua competência ou informação levantada durante a entrevista. Por fim, a última exigência é a credibilidade que de acordo com Pereira são fontes “tão confiáveis que a informação fornecida por elas exige o mínimo possível de controle”. Nesse quesito os personagens também se enquadram por responderem com proficiência a própria arte ou esporte que praticam.

O autor também fala da abordagem das fontes que há uma hierarquia como importância e crítica para haver uma coesão. Por exemplo, uma fonte ser entrevistada primeiro porque há um posicionamento nessa entrevista será imposta para outra pessoa de maior relevância em outro momento. No entanto, como não se trata de uma matéria, mas entrevistas pontuais e exclusivas com personalidades na área, não foi preciso fazer essa aceção de mais ou menos importante. Portanto, cada entrevistado possui sua importância e singularidade em seus próprios episódios do *podcast*, sem necessidade de criar uma correlação de hierarquia entre personagens.

Confirmada a viabilidade dos entrevistados, passamos para fase de pré-produção referente aos moldes do *podcast* como formato, tempo de duração e detalhes técnicos. Para Lopes (2015) a produção de um *podcast* segue um fluxo de 7 passos: definição do público, tema, formato, linguagem, elaboração da pauta, definição de participantes e periodicidade.

Na definição do público, Lopes (2015, p. 43) define que “é mais efetivo escolher um público específico, um perfil de ouvinte que se encaixe naquilo que você pretende fazer, e com isso planejar todos os aspectos de produção visando esse público, como por exemplo a definição da pauta e a escolha dos participantes”. Pensando nisso, o *podcast* trata de definir o público do *podcast* para pessoas que busquem uma qualidade ou estilo de vida. O público-alvo

que deverá ser apresentado ao público geral que tenha interesse em esportes ou artes performáticas.

Outro tópico abordado por Lopes (2015) é o tema. O tema é o norteador do *podcast*, como não pode deixar de ser diferente. O tema segue o mesmo princípio da escolha de público: atividade física. O motivo é trazer para perto pessoas que são ditas como limitadas em certos aspectos físicos para ótica de uma visão não capacitista de igualdade de forças, trazendo não histórias de motivação, mas narrativas ditas “comuns” a todos os atletas e artistas do meio que não sejam pessoa com deficiência, já que maioria das entrevistas com pessoas com deficiência relatam mais a deficiência que o ofício de ser artista ou atleta.

O formato é como o *podcast* será disposto, qual segmento ele pretende seguir e como será apresentado ao público. Será uma conversa entre amigos acerca de um tema, jornalístico, narrativo; se será áudio ou vídeo e afins. O *podcast* Papo Inclusivo busca seguir o formato de entrevistas jornalísticas em áudio. Além disso, em conjunto com o formato vem o tempo de duração. De acordo com Carvalho (2009, p.98-99) “o *podcast* curto oscila entre 1 minuto até 5 minutos, o moderado pode ter de 6 minutos a 15 minutos e o *podcast* longo dura mais de 15 minutos”. Tendo em vista essa métrica, o Papo Inclusivo se enquadra no tempo de moderado para longo.

Definido o formato e a duração, é o momento de definir a linguagem do programa. Lopes (2015, p.50-51) define a linguagem como “o papo”. O papo “é o resultado da soma de dois fatores: linguagem e dinâmica dos participantes”. O Papo Inclusivo possui apenas um host que apresenta e entrevista seus convidados, sem convidados para compor o lado do entrevistador. O tom é baseado na linguagem jornalística formal, por vezes sendo informal, dependendo da abertura do entrevistado. Por fim, Lopes (2015) trata da periodicidade das publicações dos episódios. Parte importante para manter a regularidade no feed do agregador assinado pelos ouvintes.

“A definição da periodicidade do *podcast* é a primeira manifestação de consideração e respeito de um produtor de conteúdo para com seu público. Além disso, definir a frequência de publicação dos programas é essencial para que todo o processo de produção abordado até aqui seja aplicado na preparação de cada episódio: definir o tema, escolher os participantes e preparar a pauta. (LOPES, 2015, p.55-56)

Como o *Papo Inclusivo* é um produto pontual. Ele não terá periodicidade, serão dispostos 4 episódios únicos com uma introdução sobre o que é capacitismo e posteriormente 3 entrevistados que atuam em áreas que costumam ser bem discriminadas durante um processo comunicativo.

Na pré-produção também serão definidos quais equipamentos fazem parte da produção do *podcast*. Serão utilizados na produção um notebook Dell com processador i3, um fone de ouvido de celular com entrada e saída para áudio e uma webcam Logitech 1080HD.

Definido os personagens, o formato e os acessórios que definem o *podcast* é hora de adentrar aos guias anti-capacitismo. Sendo o capacitismo a prática a ser evitada em todos os aspectos do *podcast* foi necessário consultar guias e cartilhas didáticas sobre termos capacitistas comumente expressados para evitar falar alguma discriminação durante o processo de produção.

Para ter esse ponto norteador foi utilizado o manual: “Terminologia sobre Deficiência na era da inclusão” de Romeu Kazumi Sassaki. O autor selecionou 59 palavras ou expressões incorretas que comumente são utilizadas. Além disso, foi utilizado o “Guia para práticas anti capacitistas na Universidade” da Universidade Estadual Paulista (UNESP). No processo de leitura do manual e do guia foi levado em conta a condição de cada personagem para ter um direcionamento melhor no que precisava ser evitado nessas entrevistas como incapacitado, pessoas normais, deficientes físicos e outros termos incorretos.

No contato com as fontes por telefone e pelo *WhatsApp* foi feito uma pré-entrevista com as informações coletadas na fase de elaboração da pauta para chegar à veracidade dos dados e depois de confirmadas foram elaboradas as perguntas que saiam do escopo do conhecido e buscava novas respostas e pontos de vistas.

6.1.2.1 As Pré-Entrevistas

A pré-entrevista com o Yohansson foi mais acessível por o atleta ter um acervo maior de conteúdo na internet. As informações estarem publicadas em vários veículos de informação trazem um bom embasamento do que é fidedigno e a apuração se torna mais fluida. A pré-entrevista confirmou o que se sabia para depois na entrevista entrar em novos tópicos. Como base no que foi apurado havia pouca informação sobre como o Yohansson estava vivendo essa nova fase como dirigente e os motivos que o fez abandonar uma participação em Paraolimpíadas para se dedicar aos bastidores do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Na pré-entrevista com a Gabriela Amorim algumas informações precisavam ser confirmadas e ter um aprofundamento maior em algumas lacunas que não eram respondidas pelas informações coletadas. Confirmei o que li em minhas pesquisas sobre informações da trajetória dela no balé e reforcei perguntando sobre algumas lacunas que estavam no site como o momento que ela caiu no palco, momento que ela diz ter sido especial porque foi ali que ela se viu incluída. Trazer esse detalhe enriqueceu a narrativa. Então, além de trazer esses momentos de virada de chave também foram acrescentadas perguntas referentes ao estilo de vida de uma bailarina e suas preferências como estilo de balé que mais a satisfaz, preferências musicais e afins.

No caso do Sandro, houve uma pré-entrevista mais aprofundada para explorar mais cada aspecto da sua carreira, para o conhecer melhor e trazer uma melhor representação no *podcast*. O que se sabia sobre o Sandro era uma entrevista vinculada ao Globo Esporte Alagoas que ele falava do seu acidente e dos seus projetos sociais. Pouco foi falado sobre sua trajetória no esporte e como começou essa paixão. Por esse motivo, o foco dado ao Sandro foi em expor um pouco mais a sua história desde o acidente até a descoberta do esporte.

Finalizado a fase das pré-entrevistas, foram iniciadas as entrevistas. É nesse momento que entramos nos aspectos técnicos da produção. Para Lopes (2015, p. 59), existem basicamente 3 maneiras de gravar um *podcast*: presencial, remota e híbrida. No caso do Papo Inclusivo foi decidido fazer de forma remota por vídeo chamadas. As 3 entrevistas foram marcadas no período diurno com Yohansson e Sandro sendo entrevistados pela manhã e Gabriela sendo entrevistada pelo período da tarde. O horário foi definido de acordo com a disponibilidade de cada um durante a semana.

Outro fator que foi decidido pelos entrevistados foi por qual plataforma eles preferiam ser entrevistados. Sandro e Yohansson tinham mais familiaridade com o *Skype*, por esse motivo as duas entrevistas foram feitas pela plataforma. A Gabriela preferiu ser entrevistada pelo *Google Meet*, por não ter um acesso fácil ao *Skype*.

6.1.3 Produção: Fase 3

As primeiras etapas da produção é o contato com as fontes e a checagem da informação. Para Pereira (2011, p. 87) essa “é a oportunidade de defesa daquele que foi implicado na notícia. É a chance de o repórter detectar erros de avaliação da pauta, que podem ser corrigidos, colocados à luz de novos fatos”. No dia da entrevista com cada personagem eu mandava uma mensagem no *WhatsApp* com pelo menos 2 horas de antecedência perguntando se estava tudo certo para a entrevista. O entrevistado confirmava e na hora marcada eu fazia o contato e mandava o link da sala de videoconferência.

Na sala, antes mesmo de iniciar a entrevista, eu tinha uma conversa com os entrevistados reforçando o teor da conversa e o propósito do *podcast*. Perguntava se havia alguma dúvida e que não precisava se preocupar com falhas, porque o *podcast* seria editado e as falhas e vícios de linguagem seriam cortados na pós-produção. Essa informação é importante para acalmar o entrevistado e torna a conversa um pouco mais leve.

Antes de começar a entrevista era checado o áudio do entrevistador e do entrevistado para não haver nenhum contratempo técnico. Eu também reforçava que a imagem não seria utilizada e não precisava se preocupar em deixar a câmera ligada ou desligada, apenas o conteúdo em áudio seria coletado para construção do episódio. Confirmadas todas as informações iniciais, eu pedia permissão para iniciar a gravação pelo aplicativo e iniciava a entrevista.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 1986, p. 08)

No decorrer da entrevista eu começava falando um pouco do que eu entendia do entrevistado para dar o contexto para lançar a primeira pergunta e prosseguia fazendo as demais seguindo a ordem conhecida no jornalismo como entrevista ping-pong. É importante lembrar que em todos os casos eu não seguia estritamente a ordem de perguntas. De acordo com o que eu recebia de resposta eu aprofundava mais algo da fala ou já puxava um gancho para outro assunto.

A prática de uma conversa mais humanizada e não robótica agrega a conversa a simpatia. O outro sabe que está sendo escutado e não respondendo a um questionário de perguntas e respostas. Ao fim da entrevista eu agradecia ao entrevistado pela oportunidade e disponibilidade em agendar um horário do dia para ser entrevistado.

Finalizado os episódios eu baixava a entrevista da plataforma e colocava em uma pasta. Eu elaborei 4 pastas nomeadas com o nome de cada episódio. Nas pastas continham a pauta e a entrevista em vídeo e em áudio do personagem. A separação por pasta ajuda na pós-produção para um melhor acesso aos dados das entrevistas.

6.1.4 Pós-Produção: Fase 4

Finalizadas as entrevistas chega o momento da pós-produção que compreende todo o processo de agrupar os dados e transformar em uma informação condizente com a mídia que está sendo vinculada para exposição. O *podcast* compreende da edição a hospedagem e são esses passos que irei esmiuçar neste tópico.

Partindo para a parte prática, a primeira coisa a ser feita foi passar os arquivos de áudio por um programa conhecido como *Levelator*, o aplicativo nivela o áudio sem deixar que os sons sobressaiam na faixa. Ou seja, ele deixa o áudio em uma média de volume, nem tão grave e nem tão baixo. Em seguida, foi feita a limpeza de áudio. Para Lopes (2015, p. 79-80) “é nessa etapa que serão feitos os cortes, *fades* e *crossfades* necessários, mantendo apenas o material aproveitável e descartando o restante.”

Na limpeza de áudio há a retirada de excessos cometidos tanto pelo entrevistador como pelos entrevistados como vícios de linguagem, vazios de silêncio e frases incompletas. No geral, houve poucos vícios de linguagem e maior parte da edição de limpeza foi para dar fluxo de pensamento às falas dos personagens que ainda estava desenvolvendo uma resposta adequada para pergunta e acabavam divagando no início da fala.

Depois da limpeza do áudio foi feita uma revisão de cada episódio para analisar possíveis erros durante a limpeza. Fiz todo o processo pelo *Sony Vegas 11* por ter mais familiaridade com o aplicativo. A próxima etapa foi exportar o áudio final para a pasta do respectivo episódio. O formato utilizado para exportação foi o mp3 por ser acessível e leve para diversas mídias e aparelhos.

O próximo passo foi criar uma conta em alguma plataforma de hospedagem para receber os episódios e distribuir para os ouvintes. A hospedagem será feita na plataforma *Anchor* por ser gratuito, ter um sistema de acessível de distribuição para várias plataformas e uma biblioteca extensa de trilhas que respeitam a Lei de Direitos Autorais 9.610/98 e dispõe um acervo de *Creative Commons* de uso livre por qualquer usuário.

A etapa seguinte foi elaborar uma chamada para pôr no início de cada episódio. A chamada conta um pouco do que aconteceu na entrevista e o que de mais interessante seria falado no episódio, deixando uma pista para que o ouvinte descobrisse ao escutar o conteúdo integral do áudio. O único episódio que trouxe um viés diferente foi o primeiro por ser um episódio sem entrevistados, mas de abertura que busca conscientizar o ouvinte sobre o capacitismo. Por fim, os episódios foram sonorizados pela própria plataforma do *Anchor*, foram utilizadas duas trilhas. A primeira fazendo background na chamada do episódio e a segunda fazendo a transição entre a chamada e a entrevista.

Depois do processo de sonorização é o momento do *podcast* ser postado na internet. Há muitas formas de disponibilizar os arquivos online como postar em um site próprio, ser hospedado em um site de jornal ou mandar diretamente para uma lista. O *Papo Inclusivo* utiliza o *feed* nativo da plataforma *Anchor* para divulgar seus episódios. Durante as postagens é necessário criar um título e dar uma descrição para o episódio. Os títulos seguiram a ordem das entrevistas iniciando com o episódio sobre capacitismo, Yohansson Nascimento, Sandro Machado e Gabriela Amorim.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No início da produção foi um pouco difícil colocar em prática essa visão anti-capacitista porque o capacitismo está nas nuances que você menos imagina, ler manuais e artigos foi imprescindível para ter uma comunicação mais sadia com os personagens antes e durante a entrevista. Uma outra dificuldade que apareceu durante o processo de produção do TCC foi não ter uma vasta documentação teórica que relaciona capacitismo e mídia, apenas matérias pontuais que relatam esse tipo de preconceito. Por esse motivo foi preciso conceituar o que era capacitismo e dar exemplos práticos de como esse tipo de preconceito ocorre na mídia.

Durante a produção também foi complicado achar personagens dispostos a participar do *podcast*. Como eu trabalhava no *Globo Esporte*, tinha fácil acesso aos contatos de

atletas. Porém, muitos atletas apenas se interessavam em dar entrevistas que possuíam bastante visibilidade. Quando tinham conhecimento que era uma produção menor, perdiam o interesse. O foco do *podcast* ganhou um novo fôlego quando o foco passou a ser atividade física e não apenas esporte. Essa mudança abriu um leque de opções que possibilitou entrevistar a bailarina Gabriela Amorim.

Um outro fator que causou dúvida foi na entrevista com o Sandro Machado. Durante as leituras sobre capacitismo ficou claro que a exaltação da pessoa com deficiência como um exemplo de superação possui uma particularidade capacitista implícita no discurso. Durante a conversa com o Sandro ele mesmo o tratava como uma pessoa que se superou das dificuldades e o episódio ganhou contornos de superação por esse motivo criando uma dúvida de que se era possível aquele episódio ser taxado como capacitista. Porém, em conversa com a orientadora, a dúvida foi retirada por não configurar uma ação do entrevistador perante o entrevistado que estava narrando sua história daquela maneira em particular.

Em linhas gerais, a produção do *podcast* Papo Inclusivo foi bastante positiva pelo conhecimento adquirido durante as pesquisas sobre o assunto e a troca de informações mais fluida com os entrevistados sem se prender aos temas que se limitam ao escopo da deficiência.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso colocando em pauta o capacitismo foi desafiador e estimulante por colocar em prática conhecimentos que eu tive durante o curso e os estágios na área de comunicação. Além disso, foi de grande aprendizado todo o conteúdo que sucedeu com os estudos sobre capacitismo, seja por artigos ou conversas com os entrevistados. Entender um pouco a realidade do outro para fazer um jornalismo mais consciente muda perspectivas de como repensar o processo para incluir e integrar. No fim, espero que todo esse projeto possa ajudar, mesmo com pouco, pessoas que sofrem diariamente com o preconceito.

Concluir esse ciclo que começou em 2017 é gratificante por todas as experiências e ensinamentos vividos durante o tempo na Universidade Federal de Alagoas dentro e fora de sala de aula. Uma universidade que me formou como pessoa e profissional. O fato de ser um curso de Comunicação é um fator de bastante orgulho para mim, ainda mais com tudo que o profissional de comunicação vem passando nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

BONTEMPO, Renato. Podcast Descomplicado: crie podcasts impossíveis de serem ignorados. 2ª edição. **Bicho de Goiaba**, 2021.

CAIXETA, Izabella. Brasil tem apenas 1,6% de candidaturas de pessoas com deficiência. Estado de Minas, 2022. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/30/noticia-diversidade,1400492/brasil-tem-apenas-1-6-de-candidaturas-de-pessoas-com-deficiencia.shtml>> Acesso em: 11 de Novembro de 2022.

CARDOSO, V. D.. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 2, p. 529–539, abr. 2011.

CARVALHO, A .M. A. Taxonomia de Podcast: Da criação à utilização em contexto educativo. Actas do encontro sobre podcasts, Braça: CIEd. 2009.

DA COSTA, Alberto Martins; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, 2004.

DOS SANTOS, Sara Pires; DE BARROS, Adriano David Monteiro. Podcast como instrumento de divulgação científica: uma análise bibliométrica. **Estudos em Comunicação**, n. 36, 2023.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba, v.2, p.132–144; 7 de Abril de 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/181>>

BOCK, Geisa Letícia Kempfer et al. Guia para práticas anticapacitistas na Universidade. 2ª edição. São Paulo. Unesp. 2022

Guia para práticas anti-capacitistas. <<https://educadiversidade.unesp.br/wp-content/uploads/2022/11/Guia-para-praticas-anticapacitistas-na-Universidade-V3.pdf>>

IGNACIO, Pamella Ribeiro. Corpos encenados: representação de mulheres com deficiência na mídia. 2022.

JANONE, Lucas. ALMEIDA, Pauline. Brasil tem mais de 17 milhões de pessoas com deficiência, segundo IBGE. CNN, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-segundo-ibge/>> Acesso em: 11 de Novembro de 2022.

JAVORSKI, E. Radiojornalismo: do analógico ao digital. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2017.

JULIOTTI, R. E; VICTOR, Jornalismo Inclusivo à inclusão do jornalista com deficiência na imprensa brasileira. São Paulo:. Intercom, 2020. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2786-1.pdf>>

LEITE, Felipe Silva. A personalização de notícias em dispositivos móveis: um estudo de caso da curadoria da informação jornalística no aplicativo Google Notícias. 2021.

LOPES, L. Podcast: Guia básico. Editora Marsupial, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

MARCHESAN, Andressa; CARPENEDO, Rejane Fiepke. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama**, v. 17, n. 40, p. 45-55, 2021.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MELLO, A. G. DE .. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 10, p. 3265–3276, out. 2016.

MOTA, Maria. A mulher da casa abandonada tem audiência impressionante. UOL, 2022. Disponível em: <<https://ne10.uol.com.br/entretenimento/2022/07/15047915-a-mulher-da-casa-abandonada-tem-audiencia-impressionante-veja.html>>. Acesso em: 11 de Novembro de 2022.

PAIVA, Angela Maria de Randolpho. **Cabem todos na escola para todos?**. 2022. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PEREIRA JUNIOR, L. C. A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa. Ed. Digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

PEREIRA, Anna Paula Rezende. Deficiência e Laço afetivos: que interfaces atravessam esses encontros? 2021.

Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. Globo, 2021. Disponível em: <<https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>> Acesso em: 11 de Novembro de 2022.

RAMOS, Guilherme. Brasileiros passam mais da metade de suas vidas na Internet, estima pesquisa. **TechTudo**, 06 de Maio de 2022. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/05/brasileiros-passam-mais-da-metade-de-suas-vidas-na-internet-estima-pesquisa.ghtml>> Acesso em: 11 de abril de 2023.

SANTOS, T. V. DOS .; MOREIRA, M. C. N.; GOMES, R.. “Eu esqueço que sou deficiente”: interações e sociabilidade de adolescentes com deficiência física que praticam esportes. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 2, p. e00014219, 2020.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: VIVARTA, V. (Org.). *Mídia e Deficiência*. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. Série Diversidade.

TEIXEIRA, Ana Maria Fonseca; RIBEIRO, Sônia Maria. Basquetebol em cadeira de rodas. **Paraolímpicos Do Futuro**, 2006.

TIGRE, Rodrigo. **Podcast S/A: Uma revolução em alto e bom som**. Companhia Editora Nacional, 2021.

VENDRAMIN, Carla. .REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS: O CAPACITISMO. *Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos*, v. 2019, p. 16-16, 2019.

William Bonner se desculpa no JN por fala preconceituosa: 'Ignorância'. Estado de Minas, 2022. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/11/09/noticia-diversidade,1418968/william-bonner-se-desculpa-no-jn-por-fala-preconceituosa-ignorancia.shtml>> Acesso em: 11 de Novembro de 2022.

APÊNDICE A – YOHANSSON

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 1

Retranca - YOHANSSON / REFERÊNCIA

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Contato - Yohansson Nascimento - Vice-presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro

Proposta:

Vou entrevistar o velocista Yohansson Ferreira, ex-atleta do Time Brasil nas Olimpíadas de Pequim, Londres e Rio de Janeiro. Yohansson conquistou em sua trajetória 1 ouro, 3 pratas e 3 bronzes. Hoje, o ex-atleta é vice-presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Roteiro:

- Você se aposentou das pistas recentemente, e eu queria saber de você qual foi o momento mais marcante desse período entre se descobrir como um atleta e a última corrida antes da aposentadoria.
- Por falar em aposentadoria. Como foi essa transição das pistas para os bastidores do esporte? Você tinha índice para disputar Tóquio, mas decidiu seguir esse caminho de virar dirigente e agora é vice-presidente do CPB. Agora o seu objetivo é realizar o sonho que você viveu como atleta com outros atletas? Qual justificativa você se deu para essa mudança?
- Aqui em Alagoas você ganhou um edital com o seu nome: o edital Yohansson Nascimento. Você imaginou que um dia poderia ter esse tipo de referência tanto regionalmente como nacionalmente? Como você lida com esse tipo de influência / em ser um exemplo tanto fora como dentro de casa com os seus filhos?
- Era muito comum atletas alagoanos começarem aqui no estado e serem meio que obrigados a sair para alçar voos maiores por conta da infraestrutura. Você vê isso acabando? Como você vê Alagoas no cenário atual em comparação ao período que você era atleta?
- Para finalizar quais são as qualidades que faz um atleta nível Yohansson? Qual seria o melhor conselho para quem ainda está na luta por visibilidade no esporte?

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 2

Encaminhamento:

Vou iniciar o podcast falando um pouco sobre quem é Yohansson Ferreira. Em seguida, vamos conhecer um pouco da infância e adolescência do Yohansson em Maceió. Onde ele estudava, como ele lidava com a deficiência no início da vida e da puberdade. Depois, vamos falar do início do Yohansson no esporte. É sabido que ele gostava de jogar bola, porém, uma viagem de ônibus mudou o seu destino para sempre. Vamos falar com ele sobre como foi importante esse encontro com a Walquíria e como foi esses primeiros passos no atletismo no Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA) para depois chegar em suas primeiras competições representando Alagoas e o Brasil.

O ponto máximo para um atleta é participar de uma Olimpíada. Para o Yohansson não foi diferente. A primeira vez dele em Olimpíadas foi em Pequim. Primeira vez e primeiro bronze. A primeira de outras que estavam por vir como Londres e Rio 2016. Não teve sequer uma edição que ele não conquistasse medalhas.

A última participação do Yohansson como atleta foi no mundial de Dubai. Ele conseguiu o bronze e o índice para competir em Tóquio. Porém, a vontade de inspirar e fazer crescer ainda mais o esporte paralímpico foi mais forte e o Yohansson decidiu pendurar as sapatilhas por uma causa maior. Vamos falar com ele sobre como foi essa transição e também como é ser uma referência atuante no esporte, seja pelo comitê ou pelo edital Yohansson Oliveira.

Não vamos ficar apenas na conversa sobre esporte. O Yohansson em breve será pai novamente. Vamos falar com ele sobre paternidade. Como isso influencia na sua vida cotidiana e como está sendo essa experiência.

Dados:

- Nasceu em
- A tal ponte simbolizada por Yohansson no início deste texto teve os pilares fundados naquela curta viagem de Walquíria num coletivo rumo à estação do Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA), pela capital alagoana. Lá, ela esbarrou com um adolescente franzino, de 1,68m, que seguia para uma consulta odontológica de rotina. Walquíria era treinadora de uma equipe de atletismo paralímpico. Tinha no horizonte uma competição nacional. O rapaz havia nascido sem as duas mãos e foi

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 3

batizado numa homenagem do pai dele, Francisco, ao ex-piloto de Fórmula 1, Stephan Johansson, um sueco que disputou de forma coadjuvante a categoria mais rápida do automobilismo entre 1980 e 1991.

- “Antes mesmo de encontrá-lo eu já tinha escutado falar do Yohansson. Um amigo da seleção alagoana havia me falado de um garoto magro, pequeno, que não tinha as duas mãos. Eu logo me interessei e perguntei onde ele ‘estava escondido’. O colega me indicou só um bairro, Joaquim Leão, e cheguei a fazer uma busca de bicicleta por lá, mas não encontrei”, relata Walquíria.
- “Quando entrei no ônibus e vi o garoto, não tive dúvidas de que era ele. Cheguei perto e me apresentei. Conteí quem eu era, expliquei rapidamente o que era o movimento paralímpico e perguntei se ele praticava esporte. Ele ficou bem desconfiado com a abordagem e disse que só jogava futebol”, recorda Walquíria.
- Entre a abordagem no coletivo e a primeira vez que Yohansson calçou as sapatilhas para correr na pista do Estádio Rei Pelé, houve um intervalo de cerca de 20 dias. Tempo em que a família de Yohansson conheceu melhor o trabalho da técnica e em que uma leve lesão no tornozelo do adolescente cedeu. Um intervalo em que a desconfiança inicial se transformou em oportunidade.
- “Eu acho que até hoje, na minha vida, houve três decisões que definiram minha história. E a primeira foi essa. A resposta ao convite da Walquíria mudou minha vida. Era o ano em que eu estava terminando o Ensino Médio. Pensando numa carreira. Podia ter dito não, mas acho mesmo que a vida nos oferece algumas oportunidades. Eu quis conhecer o esporte paralímpico. Nem sonhava em ser um dia melhor, mas era uma chance que a vida me dava”, relata Yohansson.
- Mesmo com um biotipo acentuadamente magro para o imaginário dos velocistas de ponta do cenário esportivo de alto rendimento, Yohansson não demorou a se destacar. Dois meses depois dos primeiros treinos, conquistou um bronze nos 400m na etapa de Recife do Circuito Caixa na Classe T-46, para atletas com deficiência nos membros superiores (braços). Chamou a atenção da comissão técnica da Seleção e foi escalado para a primeira competição internacional, os Jogos da Comunidade dos Países de

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 4

Língua Portuguesa (CPLP), em Luanda, Angola. Lá, com atletas de sua idade, Yohansson voltou com medalhas nos 100m, 800m e até no salto em distância.

- Com um trabalho voltado para ganhar massa muscular e lapidação da técnica, Yohansson conquistou vaga na seleção principal que foi disputar o Mundial de 2006, na Holanda. A medalha não veio, mas o terreno foi sedimentado para o primeiro grande momento do alagoano no paradesporto. Nos Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, ele superou pela primeira vez nas pistas um dos ídolos dele e o pioneiro do domínio brasileiro no cenário mundial na categoria T-46, Antônio Delfino. O piauiense radicado em Brasília tinha no currículo uma prata em Sydney-2008 (400m) e dois ouros (200m e 400m) em Atenas-2004, mas Yohansson saiu da pista do Engenhão com ouros nos 100m, 200m e 400m, com direito a duas vitórias sobre o ídolo.
- “Foi um momento marcante para mim. Tenho até hoje um CD gravado dessas provas. Foi a primeira vez que saí no Jornal Nacional. Além das medalhas paralímpicas que já tinha, o Delfino tinha sido ouro no Mundial de 2006. Eu sempre tive com ele uma relação de parceria e amizade porque sempre me ajudou. Foi conselheiro. Eu me espelhava demais, mas foi um choque para muita gente eu vencê-lo pela primeira vez, e fiz isso nos 100m e nos 200m. Um resultado de grande repercussão e que me deixou empolgado para os anos seguintes”, afirmou Yohansson.
- Em 2008, a estreia de Yohansson em Jogos Paralímpicos foi sem a presença de Delfino, que se lesionou pouco antes da competição. Yohansson também chegou ao megaevento na China com dores nas costas e o receio de não conseguir completar as provas, mas ainda assim saiu das pistas do Ninho do Pássaro com o bronze nos 100m e a prata no revezamento 4 x 100m.
- Estava aquela multidão lá e eu só pensava: quero mais que todos. Era meio que um duelo de Davi contra Golias, porque ao meu lado estava um cubano muito bom e alto. Mas o magrinho nordestino venceu. Mostrei meu potencial, minha força e fiz depois o pedido de casamento à minha noiva, Thalita, que muita gente recorda até hoje”

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 5

- Yohansson Nascimento, sobre o ouro conquistado nos 200m nos Jogos de Londres 2012
- O ciclo seguinte, que desencadeou nos Jogos de Londres 2012, marcou o auge de resultados do velocista. Foi a fase, também, em que ele deixou Maceió por melhores oportunidades de treinos. Primeiro, no Rio de Janeiro. Depois, já na reta final para os Jogos Paralímpicos de 2012, em São Caetano do Sul (SP).
- “Ele sempre se mostrou uma pessoa centrada nos objetivos que traçava. Saiu de Maceió e foi para o Rio, veio para São Caetano, com tudo bem pensado. Foi um trabalho crescente. Ele é muito focado. Sabe exatamente o que quer e o que pode”, definiu o técnico Amaury Veríssimo.
- “Digo sem medo que essa foi a segunda grande decisão na minha vida. Saí de Maceió para um mundo completamente diferente. Deixei a família e minha noiva por um tempo. Fui em busca do ouro que me faltava em Jogos Paralímpicos. Tive uma estrutura melhor de treino. Para um alagoano, o frio de uns oito graus no inverno em São Caetano do Sul parecia o Polo Norte, mas eu ia de bicicleta para o treino feliz da vida. Treinei com atletas olímpicos e houve uma ótima integração. Alguns não sabiam de nossa dedicação, do quanto batalhávamos”, recordou Yohansson.
- Na capital britânica, diante de mais de 80 mil pessoas no Estádio Olímpico, Yohansson arrancou para os 200m com toda a “querência” que um atleta pode ter em relação a uma prova. “Estava aquela multidão lá e eu só pensava: quero muito. Quero mais que todos. Fiquei todo arrepiado. Era meio que um duelo de Davi contra Golias, porque ao meu lado estava um cubano muito bom e muito alto. Mas o magrinho nordestino venceu. Mostrei meu potencial, minha força, cruzei a linha de chegada em primeiro e fiz depois o pedido de casamento à minha noiva, Thalita, que muita gente recorda até hoje. Não é só chegar ao pódio. Há sempre toda uma história por trás”, comentou.
- Além de colecionar pódios e conquistas, Yohansson deixa como herança de sua trajetória uma legião de amigos a quem influenciou, com dicas, exemplos, incentivo e parceria. “O legado do Yó é algo que ninguém destrói. É o legado do exemplo. E não

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 6

é aquele exemplo de chegar todo dia no horário certinho, ser o último a sair e só dar puxão de orelha. Não. Quando tinha de dar bronca, dava. Quando tinha de dar conselho, dava, quando tinha de puxar orelha, puxava”, descreveu a também velocista paralímpica Verônica Hipólito. “Na maior parte do tempo ele só queria se divertir com todos, viver de verdade, não ter medo de saber que tem dia em que está mal. Um cara humano, que fura a dieta de vez em quando para comer uma pizza”, brincou.

- O legado do Yó ninguém destrói. É o legado do exemplo. Quando tinha de dar conselhos, dava, quando tinha de puxar a orelha, puxava, mas sabia que sabia se divertir com todos. Um cara humano, que fura a dieta de vez em quando para comer uma pizza”. Verônica Hipólito, medalhista paralímpica
- Verônica, aliás, delega a Yohansson o desfecho positivo de um momento decisivo em sua trajetória. Antes da final dos 200m no Mundial de 2013, na França, a atleta teve um momento de hesitação. Achava que não conseguiria correr. “Na câmara de chamada, eu tremia de medo. Queria desistir. E foi aí que chegou o cara mais mal encarado que já tinha conhecido: Yohansson. Eu nem o conhecia e já não gostava dele. A prova dele, também final dos 200m, seria cinco minutos depois. Ele me perguntou na lata: ‘Tá com medo do quê?’. Veio e me encorajou. Quando estava indo para a pista, ele gritou: “Verônica, se divirta”. Foi após ganhar esse mundial que minha vida - e de toda a minha família – mudou: assinei com patrocinadores, passei a fazer palestras, conheci o mundo, ganhei amigos e aprendi muito”, relatou.
- Medalhista de prata no pódio 100% nacional da prova dos 100m no Mundial de 2019, o jovem carioca Washington Júnior, de 23 anos, também registra o papel decisivo do colega de pista na consolidação de sua carreira. “É um cara que em treino brinca, zoa, conversa, dá dicas. É gratificante ter treinado tanto e ido ao pódio com um cara que ganhou tantas vezes. Aquele pódio foi emocionante para todos e significou muito para a delegação brasileira. Ficou para a história porque foi até hoje os 100m mais rápidos já registrados na categoria”, disse Shitão, como é conhecido pelos amigos.
- Outro velocista que exalta a trajetória de Yohansson é Vinicius Rodrigues, que corre na categoria T-42, para atletas com próteses na perna. “O Yó é um cara que é referência para nós desde sempre, não só pelos conselhos, mas pelas resenhas sempre

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 7

engraçadas, pelo espírito que trazia para o dia a dia. É um cara que sempre teve humildade mesmo com uma carreira gigantesca”, disse Vinicius, que não se esquece das vezes em que viu Yohansson lançando pião, jogando sinuca, dirigindo e comendo com facilidade, mesmo com a ausência das mãos.

- “Fora o atleta de excelência dentro do universo do atletismo paralímpico, entre os atletas e dirigentes de outras modalidades todos conhecem o Yó. Isso tem a ver com o fato de ele ser uma pessoa de acesso tranquilo, divertido, que alegra treinos e os ambientes em que está”, completou o treinador Amaury Wagner Veríssimo.
- Durante dez anos de sua carreira, Yohansson Nascimento teve o respaldo fixo do Bolsa Atleta, da Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania. Entre 2011 e 2013, o velocista foi integrante da categoria paralímpica do programa. A partir de 2014, passou a integrar a categoria Pódio, criada para incluir os atletas olímpicos e paralímpicos com chances reais de medalhas em megaeventos esportivos.
- O investimento total do Governo Federal na carreira do atleta, ao longo desse período, foi de R\$ 1,18 milhão. Yohansson já tinha a renovação da Bolsa Pódio aprovada para o ciclo até Tóquio, mas abriu mão do preenchimento do Termo de Adesão quando oficializou a aposentadoria das pistas.
- Para nós, do Governo Federal, ele representa o exemplo perfeito do que buscamos com nossos programas. Ele usou os recursos que recebeu para investir em sua carreira e subiu gradualmente até se tornar o melhor do mundo e uma referência para toda uma nova geração”. Marcelo Magalhães, secretário especial do Esporte do Ministério da Cidadania
- “Sou eternamente grato ao Governo Federal. O Bolsa Atleta, com todas as suas categorias, da base à Pódio, permite ao atleta sempre almejar conquistas. A carreira de um atleta no alto rendimento depende de boa alimentação, material esportivo, fisioterapeuta, nutricionista, uma base de investimentos para mostrar seu potencial e conseguir treinar. Seria muito difícil sermos uma potência paralímpica sem apoio”, disse Yohansson.

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 8

- O atleta cita, ainda, o Centro de Treinamento Paralímpico de São Paulo como outro diferencial para o crescimento do movimento paralímpico no país. A estrutura inaugurada em maio de 2016 teve investimento de R\$ 187 milhões do Governo Federal e ocupa uma área de 95 mil metros quadrados. Conta com piscina coberta com dimensões olímpicas e arquibancada para mil torcedores, ginásio multiuso usado para *goalball*, basquete em cadeira de rodas e badminton, campos de futebol de cinco (para deficientes visuais) e de futebol de sete (paralisados cerebrais).
- Completam a estrutura quadras de tênis em cadeiras de rodas, espaços para bocha, judô, tênis de mesa, halterofilismo e taekwondo, além de áreas de fisioterapia e regeneração física, além de um alojamento com 86 apartamentos e capacidade para quase 300 hóspedes. O atletismo, praia de Yohansson, tem à disposição uma pista de Certificação 1 da *World Athletics* (antiga Federação Internacional de Atletismo – IAAF) e arquibancada para mil torcedores. A estrutura conta ainda com pista indoor para aquecimento.
- “Eu sempre digo que, depois de 2016, o maior legado tangível que temos é o centro de treinamento Paralímpico. Se não fosse ele, cada um estaria em sua cidade, sem a infraestrutura que temos lá. É a casa dos maiores Jogos Escolares para pessoas com deficiência do mundo. É uma felicidade enorme saber que não só conquistamos o fato de o esporte paralímpico ser mais conhecido, mas de podermos garantir que, hoje, o Brasil tem um dos cinco melhores centros de treinamento do mundo”, avaliou.
- “Podemos dizer que o Yohansson é retrato de uma fase importante, de transição, logo após o surgimento do Bolsa Atleta, programa que se tornou um dos maiores vetores de crescimento e desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil”, avaliou Mizael Conrado, presidente do CPB.
- “O Yohansson foi um atleta brilhante e deixou uma contribuição muito importante, não apenas em termos de resultados, mas de legado no que se refere a exemplo de vida, de dedicação e de amor ao esporte paralímpico”, pontuou o Secretário Especial do Esporte do Ministério da Cidadania, Marcelo Magalhães.
- “Para nós, do Governo Federal, ele representa o exemplo perfeito do que buscamos com nossos programas de incentivo ao esporte, como o Bolsa Atleta. Ele usou os recursos que recebeu para investir em sua carreira e subiu gradualmente até se tornar o melhor do mundo e uma referência para toda uma nova geração. Desejo muito sorte

Entrevistado - Yohansson Ferreira

Página 9

a ele em esse novo desafio e tenho certeza de que, como gestor, ele será tão bem-sucedido como foi representando o Brasil nos maiores torneios do mundo”, completou o secretário.

- “Se a primeira decisão importante em minha vida foi aceitar o convite da Walquiria e a segunda foi a mudança para São Paulo, a terceira certamente foi essa da aposentadoria, por todos os fatores que envolveu: por estar em grande forma, por ter o índice, os patrocínios. Mas estou muito, muito convicto de que era o que eu queria”, encerrou Yohansson.
- Ele era velocista pela classe T-46 | Deficiência nos membros superiores
- Paralimpíadas disputadas como atleta: Pequim (China), em 2008. Londres (Grã-Bretanha), em 2012. Rio de Janeiro, em 2016.
- Dono de seis medalhas paralímpicas, sendo uma de ouro em Londres, nos 200 metros da classe T46 (amputação nos membros superiores).
- Participação como dirigente: Tóquio em 2021.
- Assumiu a vice-presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro em dezembro de 2020.
- De acordo com o Yohansson, aposentar-se das pistas para assumir um cargo administrativo na CPB foi um passo importante para contribuir para o paradesporto. Vale lembrar que ele tinha índice para participar de Tóquio como atleta, já que conquistou o Bronze no Mundial de Dubai em 2019. Mesmo tendo registrado o melhor tempo de sua carreira nos 100m (10s69). ““Abri mão de um sonho individual por outro coletivo. Até os Jogos de Paris, em 2024, quero ajudar a descobrir talentos, e tenho certeza de que vou ficar ainda mais feliz em ver as alegrias dos outros do que tive com medalhas individuais”.”
- O Brasil levou a maior delegação paralímpica da história para as Paralimpíadas de Tóquio, foram 260 atletas disputando 20 modalidades.
- 37% do grupo no Japão disputou o evento pela primeira vez. A natação foi a modalidade com mais caras novas, com os novatos também representando em torno de 37% da equipe.
- Yohansson é pai do Yan e em breve será pai de uma menina - Yasmin.

APÊNDICE B – GABRIELA

Entrevistado - Gabriela Amorim

Página 1

Retranca - GABRIELA / BAILARINA

Entrevistado - Gabriela Amorim

Contato -

Gabriela Amorim - bailarina

Proposta:

Vou entrevistar a bailarina Gabriela Amorim, a única bailarina cadeirante do estado de Alagoas..

Perguntas:

- Eu sei que o momento que você decidiu virar bailarina foi após uma apresentação, certo? Deve ser uma memória muito marcante e especial pra você. O que você guarda como lembrança daquele dia?
- Logo após isso tu deixou claro pra tua mãe que queria virar bailarina e houve uma busca da sua mãe em achar uma academia de formação em ballet até achar a Jeane. Como foi pra você realizar esse desejo? Por que eu imagino, não sei se é o caso, que deve ter pessoas que desencorajam...
- Do início até hoje já são mais de 10 anos no ballet. Como você resumiria todos esses anos, seja no aprendizado, na experiência, autoestima e até mesmo no convívio.
- Como você vê essa questão de ser a única bailarina cadeirante do estado?
- Pra achar uma academia de dança que fosse inclusiva foi um certo trabalho para achar isso há anos atrás... Hoje, qual é a sua percepção sobre a inclusão em Alagoas, seja na arte ou no esporte.
- Li em uma matéria que você caiu do palco uma vez e foi nesse momento que você se sentiu bailarina. Conta mais um pouco dessa situação. Você se questionava muito nisso de ser uma bailarina
- O ballet é muito ligado também a música e eu imagino que você seja grande fã. Quais estilos musicais você mais escuta no seu cotidiano?
- Vi que há vários estilos de ballet que vão do clássico ao contemporâneo. Quais estilos fazem a tua cabeça?

Entrevistado - Gabriela Amorim

Página 2

- Todo mundo tem uma inspiração, né? Quais são suas inspirações?
- Como é ser uma inspiração? Como você lida com isso e que dica você daria para pessoas que assim como você tiveram um desejo, mas não tiveram aparato.

Encaminhamento:

Na entrevista com a bailarina Gabriela Amorim irei falar na entrevista sobre como foi para ela o início da prática de esporte, seus gostos e também como ela lida com essa exclusividade de ser a única bailarina cadeirante do estado de Alagoas. Isso na visão dela é bom ou ruim? Quais são os pontos positivos e negativos dessa exclusividade.

Na entrevista também vou falar sobre influência. A Gabriela mantém suas redes sociais aquecidas com postagens sobre o esporte e sobre deficiência. Vamos ver como é para ela ter essa responsabilidade de influenciar pessoas.

APÊNDICE C – SANDRO

Retranca - SANDRO / TRIATLO

Entrevistado - Sandro Machado

Contato -

Sandro Machado - triatleta

Proposta:

Vou entrevistar o triatleta Sandro Machado. Sandro sofreu uma acidente na adolescência e viu no esporte um refúgio.

Perguntas:

- Depois do acidente você passou alguns anos fazendo tratamento. Quando acabou, teve oportunidade de praticar um esporte e mudou sua vida. O quão o esporte foi importante para você nessa fase?
- Quais foram os momentos mais marcantes que você passou em algum circuito?
- Depois de todos esses anos que você teve dificuldades você descobriu o esporte e também as causas sociais. Como os seus projetos têm ajudado crianças e jovens daqui de Alagoas?

Encaminhamento:

Na entrevista com o paratleta Sandro Machado será abordado todo o início do Sandro no esporte. O Sandro sofreu um acidente durante sua adolescência que comprometeu seus movimentos, depois de alguns anos de tratamento intensivo e alongamento ósseo ele teve coragem de começar no esporte. Primeiro, se apaixonando pelo ciclismo e depois indo para outras modalidades que por fim conheceu o Triatlo, modalidade que pratica até hoje. O Sandro também é conhecido por seus projetos. No fim de ano ele se veste de papai noel e distribui presentes em uma ong. Ele também é mentor de um grupo de ciclistas de garotos do interior de Alagoas.